

O DISTRICITO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3540 réis — Semestre, 1870 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3500 réis — Semestre, 1850 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 123

SEXTA-FEIRA 5 DE SETEMBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

EXPEDIENTE

Do 1.º do corrente mez de setembro em diante todos os negocios concernentes á administração deste jornal ficam a cargo de Joaquim Simões Franco, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia que não disser respeito á redacção.

AVEIRO

A *Revolução de Setembro* graciosamente nos qualificou de organ afinado do partido novo.

A *Revolução* devanêa deslumbrada pelos a-nhelos que a inspiram.

A *Revolução* não tolera a placidez do raciocínio, a justa apreciação dos factos, o nexa das ideias, e a deducção logica dos principios. A *Revolução* tem por divisa—quem não é por nós é contra nós.

A *Revolução* está enganada, e tarde virá a desillusão; porque llo' não consentem as suas aspirações, e os seus immoderados desejos de ver os seus, novamente erguidos no pedestal do poder.

A *Revolução* está enganada, porque nem curvamos a fronte, nem dá preito a nossa intelligencia, senão ao que é honesto e justo, e ao que se nos afigura que pôde desviar o paiz das tortuosas veredas, e dos transvios sinistros, por onde, eu mal nosso, elle tem caminhado ha muito.

Por isso não tem sido outro o nosso fito, senão avaliar sempre os homens, e as cousas, como cuidamos que são, e, em que peze á *Revolução*, não deixaremos nunca de o fazer.

Pois que lucra o paiz com a publicação de doutrinas, que só traduzem as cores apaixonadas de quem as dicta, ou escreve? Quem não vê um grande des-serviço publico em apostolar como evangelicas verdades, ou asserções mentidas, ou deducções desleaes, adduzidas por mal intencionados paraphrastas?

Raive pois embora na *Revolução* a ancía do poder, que lhe não invejamos o seu martyrio, e, á conta do dó que nos inspira, seria grande cruzeza negar-lhe a indulgencia.

O motor do nosso orgão não são pessoas; mas cousas.

Não vemos individualidades, mas só attentamos nos factos; porque só d'estes pôde vir a nossa boa ou má fortuna.

Fazemos nós apothéoses a individuos, ou condemnamos alguém a ostracismo? E' incrível que se não corram de vergonha os que assim procedem.

Onde a isenção de grandes erros e do gran-

des faltas no que viveu longos dias de vida politica? onde a abnegação e o civismo da velha Sparta?

Se para quebrar lanças com os mantenedores do campo é mister documento de vida immaculada, com certeza não podereis entrar na justa.

Quem ha ahí que tenha sobrelevado tanto, que em boa consciencia queira arrogar-se os foros de competencia suprema?

Pôde pois a *Revolução* á vontade trevejar suas iras, e empregar todos os meios para reconquistar o poder, que vergonhosamente a seus senhores escapou das mãos, porque nem com ella faremos côro, nem deixaremos de apontar os dardos que nos enviar.

Não almejamós para que una, e não cutros, rejam o timão do estado, mas só pomos o fito em pôjar na praia desejada.

A republica sobrevive aos homens, e, se tambem são contados por Deús os dias das nações, na maxima parte depende do seu regimen o alongal-os, ou abreviar-lhes o prazo.

Mas se é este o rito que professamos, é evidente que não podemos louvar ao actual governo os actos que o discurso, e a reflexão, nos antolham menos prudentes, e menos bem meditados. Eis ahí o caminho que temos seguido sempre. E tanto nos é repugnante o acinte calumnioso no ataque, como nos enoja a defeza, que nunca larga das mãos o turbulo, nem deixa de entoar hymnos de gloria.

Querem provas? De sobejo ahí as tem nas nossas columnas, onde não raro se encontram censuras ao governo pelos actos que em nossa apreciação a mereciam.

Ainda não correu muito tempo depois que nós desmonstrámos que o decreto da introdução dos cereaes, não só em parte, senão tambem em relação ao prazo, accusava muita irreflexão da parte do governo, e importava medidas por ventura muito ruinosas á nossa agricultura.

Asseverámos, e ninguém nos contestou ainda, nem mesmo a *Revolução*, que neste assumpto, por captar popularidades, deu hosannas ao governo, que o decreto, em boa parte, era um effeito sem causa, um consecario sem principios.

Ainda recentemente escrevemos a proposito dos tumultos e incendios do Braçal, que a administração publica podia, e não quizera evitar essas desgraças, não podendo desculpar-se com a deslealdade e ineptidão de seus funcionarios, porque na gerencia das cousas publicas é desconhecida a defeza, que se fundamenta no pessimismo dos empregados que se consentem.

Aprenda a *Revolução* nesta lição, que lhe damos, a isenção com que sabemos escrever,

e avaliar os actos do governo; e, sendo ré das baixezas em que vive que, bem sabe ella que a sua pena não pôde desviar-se do norte que lhe imposéram, continue a arremessar nos as calumnias, que com um sopro lhe pulverizaremos.

Mas se em assumptos de administração publica, além de ver as cousas, vissemos tambem os homens, não seriam por certo os actuaes ministros quem nos houvessem de conquistar os affectos tão entranhavelmente, como a *Revolução* morre de amores por aquelles a quem ella tanto deseja dar a investidura do poder.

Ainda que o acaso, como todos sabem, tenha grande parte nos successos, é para nós intuitivo que um grande numero dos acontecimentos, que tem ha pouco tempo transtornado a ordem publica, se deve ao descuido do actual governo.

O ministerio tem o rigoroso dever de conhecer por seus funcionarios o estado do paiz em todas as suas localidades.

O mais leve receio de transtorno da ordem publica em qualquer dellas não lhe deve ser desconhecido; e a um governo que tem os seus funcionarios, ou agentes do poder, e sobre tudo a força armada, nunca fallecem os meios de prevenir qualquer alteração do socego publico, quando elle anticipadamente se assoalha, e até mesmo quando pôde ser suspeitado.

Porém os successos do Braçal, e muitos alvoroços que vão surgindo pelo paiz, cabalmente provam que o governo não preveniu a tempo esses desastres.

Se elle conhecia as antecedencias, a sua negligencia não tem desculpa. Se elle as ignorava, nem por isso deixou de ser negligente na escolha de seus empregados; e de uma ou outra culpa elle tem de dar contas ao paiz.

Pois em caso tão grave, como o dos incendios e das mortes do Braçal, entenderá o governo que se expiarão todas as faltas com a demissão de um regedor, ou administrador do concelho?

Pois não vê elle que a relaxação desses cios da cadeia hierarchica accusa a fraqueza, e inaptidão de outros?

Não vê elle que a sua falta de energia em castigar todos aquelles, que por seu desmazelo occasionaram os crimes, o argue de cumplicidade.

Será por ventura bom theor de governação viver vida ociosa, em quanto se trama o crime publicamente, e só despertar do letargo para mandar espingardear alguns centos de camponios, e processar criminalmente os que sobreviveram?

blica a lista das Conferencias reunidas durante o mez e um boletim necrológico de todos os socios fallecidos durante o mez em todos os paizes, as actas das assembleias, os relatorios dos conselhos centraes, as opiniões, as recommendações dos livros. Tudo ahí está maravilhosamente disposto para a propaganda: compra de bibliothecas por todos os preços, e os livros de M. Venillot se mostram com prazer.

Bem se vê que é uma sociedade nova que se está formando; sociedade, que tem sua organização politica, seus conselhos particulares, centraes, superiores, um conselho geral, e suas assembleias geracs trimestraes, verdadeiro corpo legislativo. A Sociedade tem as suas festas, são as peregrinações, que as conferencias tornam a pôr em moda; peregrinações á Terra Sancta e peregrinações ás Madonas. As Conferencias dirigem-se ahí cantando em côro em honra da Sancta Virgem. A Sociedade tem até passaportes, o que é objecto da *Obra dos viajantes*. Concedem-se cartas-circulares, que fazem com que as Conferencias acolham os membros da Sociedade ou os pobres, que viajam. Este povo novo tem seus mercadores peculiares, especialmente recommendados e afreguezados. Podiamos citar exemplos de commerciantes, cujo commercio soffreu, por terem recusado fazer parte da conferencia de San-Vicente-de-Paula.

Um dos manejos mais curiosos da Sociedade é a destruição dos maus livros. O sr. bispo de Périgueux, em uma reunião das conferencias, a 16 d'outubro de 1859, disse: «Em Villenavesur-Lot, notamos tambem a existencia de uma bibliotheca chhista, e soubemos que o proprietario d'um gabinete de leitura consentira em entregar á conferencia todos estes romances im-

Será completa satisfação publica desalugar alguns lentes da velha universidade de Coimbra, e obrigar-os a marinhar as serranias do Braçal, para resolverem por inspecção o grande problema da influencia do fumo da fundição da mina sobre os vinhedos, laranjeiras, e batatas? Os lentes de Coimbra que ainda á pouco estavam inhabilitados para analysar alguns litros d'agua thermal?

Esperará o governo que o doutoral consistorio condemne a mina como auctora do *oidium thukeri*, e das doenças dos outros vegetaes?

Não sabemos se o governo procede assim com innocencia, ou com hipocrisia, mas não podemos deixar de ver em tudo isto muita fraqueza d'acção, curteza de auctoridade, e não pouco des-fino governativo.

Foi designado o dia 2 do corrente para a licitação dos concorrentes á construção do primeiro lanço da estrada que vae abrir-se em Albergaria a Velha para Vizeu.

Foram cinco os proponentes, e, havendo ofertas inferiores ao preço maximo que o governo taxou, adjudicou-se o lanço a quem se offereceu a fazel-o por menor quantia.

Tem este lanço pouco mais de 2 kilometros. Ja se vê que em pequena extensão da estrada vão começar os trabalhos.

Não nos parece bom o systema de eternisar uma obra publica, só talvez com o intuito de encher casa na lista das obras que se estão fazendo no paiz.

As desvantagens economicas, que d'aqui resultam, são tão obvias, que nos não fazemos cargo de enumeral-as.

Porque será que o orçamento do segundo lanço desta estrada subiu ha trez mezas ao respectivo ministerio, e ainda se não mandou pôr em praça?

Pois se a estrada é por todas as pessoas competentes considerada de maxima importancia para communicar a Beira com a estrada de Lisboa ao Porto, que assim põe em contacto aquella rica provincia com os nossos centros de população, como é que tão frouxamente se vêia por um melhoramento tão importante?

Sabemos que o governo está a braços no paiz com muitas obras de valia, e de não pequeno brado clamoroso, para que seja sollicito com a estrada de Albergaria a Velha a Vizeu, não demorando por mais tempo a expedição das ordens para a arrematação do segundo lanço da mesma estrada.

pios e obscenos para se lhes fazer o que fosse de justiça (2). Não se poderia explicar a desappareição progressiva dos livros, que attacam os jesuitas, desappareição que se demonstra todos os dias nos caes, por uma especie de crusada, que a organização da Sociedade de San-Vicente-de-Paula permitira facilmente?

Agora, qual será, pouco mais ou menos, o numero deste novo povo de Deus? Faltam os dados. Um membro da Sociedade dizia me que ella podia contar, em França, 40:000 membros activos ou filiaes. O numero é mui diminuto. Nós não consideramos como estatistica se não a das cobranças, que, para o anno de 1859, subiu a 4,736,241 fr. Fundados nos numeros desta estatistica, podemos estabelecer que ha os seguintes centros de conferencia:

França	831
Belgica	301
Allemanha	98
Estados Sardos	67
Ilhas Britannicas	27
Hespanha	179
Irlandia	42
Paizes-Baixos	75
Escossia	11
Italia (Estados da Igreja)	26
Algeria, Colonias, Estados-Unidos, Parma, Modena, Malta, Toscana	51

1,708

(Continúa).

(2) Boletim da Sociedade, n.º 137 maio de 1860.

FOLHETIM

OS JESUITAS

EM 1861

Communidades religiosas
Associações clericacs

POR CARLOS HABENECK.

(Continuação do n.º 122)

A Sociedade raras vezes falla do governo, do Estado; e quando o faz, é para o comparar com ella mesma. «O paé das senhoras P. e B. vendera alguns bens em França (estas senhoras estão em Genova), tractava-se de haver a sua importancia. O maire de Crux-la-Ville, departamento de la Vièvre, tinha em seu poder á quantia de 2,275 francos. Nós cobrámos por quatro vezes 1,950 francos, que foram remettidos ás familias credoras. E' de razão acreditar que sem as nossas relações com as localidades, estas familias teriam esperado por muito tempo o que se lhes devia (1). Devemos mencionar aqui a *Obra dos militares*, que arremonta os soldados para os fazer ir á missa e ás instrucções. O governo poz isso em boa ordem. Finalmente, de baixo do ponto de vista, que nos occupa, uma das obras mais importantes é a do *patronage*. Em cinco ou seis casas para esse fim alugadas, reúnem-se todos os domingos

mil e duzentos jovens operarios de doze a dezoito annos, os quaes fazem assistir aos officios. Cada um tem um livrinho, em que se declara se elles estão ou não presentes, e as boas ou más qualidades que os distinguem. Os manebos desempenham um importante papel na Sociedade de San-Vicente-de-Paula: são elles que ensinam as creanças das *patronages*, são elles que fallam nas obras das *sanctas familias*, que fallam ás familias nas capellas menores das igrejas, principalmente em San-Sulpicio. Os membros da conferencia tem-se muitas vezes encarregado de catechisar as creanças, donde tem resultado desintelligencias entre elles e os padres. Estes senhores tem-se até arrogado o direito de examinar as creanças das escholhas christãs, de lhes dar informações, de lhes conferir premios. Quizeram fazer o mesmo nas escholhas primarias: foi necessario que umdecreto ministerial lhes vedasse a entrada n'ellas.

Demais, os membros da *Obra*, para onde quer que vão, fazem-se seguir d'um numero incalculavel de livrinhos de uma barateza fabulosa. Em cada conferencia estabeleceu-se uma bibliotheca, onde se conserva certo numero de bons livros á disposição das familias soccorridas. As publicações proprias da Sociedade são em grande numero; citemos, entre outras, as seguintes: *Manual da Sociedade, Leituras e conselhos, Manual do soldado, do operario, do lavrador, das mães de familias*; depois vem a serie de almanaks da *Officina, do Lavrador, do Aprendiz e do Escholar*.

Cada mez, uma especie de *Monitor*, o *Boletim da Sociedade*, transmittie ás diferentes Conferencias os pareceres do conselho geral sobre todas as questões, que lhe são submettidas, pu-

(1) Boletim da Sociedade, n.º 137 maio de 1860.

O nosso correspondente de Sever enviou-nos a seguinte correspondência:

Sr. redactor.

Sever 1 de setembro de 1862.

Antes de hontem chegaram aqui os srs. drs. juiz e delegado de Agueda para tomar auto do delicto committido no dia 15 passado; hontem foram até ao Braçal, e hoje estão averiguando as testemunhas: não sei que tempo se demorarão.

Os autos já estão muito volumosos e ainda serão mais, pois é provavel que este processo seja monstro.

Em Cambra consta que foram prezos mais tres sujeitos, e aqui mais um por ordem do sr. governador civil.

O dr. Quadros tomou posse da administração na sexta-feira, por em quanto está tractando de reformar a policia e os regedores; isto é muito preciso, porque dizem que o proprio regedor de Roccas mandou avisar por cabos de policia os habitantes daquelles sitios para atacar as minas, de tal forma que o povo de Nespeiro e Roccas não foi á festa de Nossa Senhora da Serra, mas veiu logo em direitura para o Braçal.

A illm.^a sr.^a camará, como aqui costumam chamar os lavradores, nada quer ou nada pode fazer, e se em breve o governo não tomar energicas medidas, para com a mesma illm.^a camará, o povo sem duvida acederá que a tal famosa petição foi bem feita, e então novos barulhos são provaveis. Em fim o mundo não foi feito n'um dia, e se a camara ainda não foi chamada a responsabilidade, é de suppor que assim se fará em breve.

Quem perde mais com todas estas demoras são os proprietarios das minas, que não podem principiar a trabalhar sem que as avaliações estejam feitas, e sem que haja uma camará, que deixe de instigar os povos em lugar de tractar de acalmal-os.

As tropas acham-se ainda no Peçeguero, Senhorinha e Braçal; Deus queira que o governo desse algumas providencias para comprar o seu rancho, porque os povos destes sitios ficarão em pouco sem pão para comer.

O governo deveria tractar de aquartelal-as n'uma casa na Senhorinha, para lá ficar por em quanto. Os habitantes daquelle lugar não deveriam soffrer com isto; o governo é que deveria tractar de fornecer o rancho.

A.

(COMMUNICADO.)

Não sou assignante do Boletim Geral d'Instrução Publica, e por isso poucas vezes o leio.

Casualmente me veio á mão o n.º 27 de 6 de agosto corrente, e ali vi a transcrição d'um artigo sobre instrução publica que o *Districto* ha tempo publicou, precedido d'algumas reflexões onde se diz:—«Só quem ignora o modo por que se formam os processos para a nomeação dos professores é que poderá lançar assim uma certa desconfiança nas estações publicas por onde correm taes negocios. Podemos affiançar ao *Districto de Aveiro*, que o governo é escrupuloso nas nomeações dos professores d'instrução primaria, recabindo ellas sempre em candidatos que melhores provas publicas dão do seu merecimento.»

Muito bem. Se o Boletim pode affiançar que o governo é escrupuloso nas nomeações dos professores, é porque se julga habilitado para isso; e em tal caso releve-nos o innocente desejo de lhe dirigirmos uma perguntinha.

Em fevereiro ou março deste anno, se não ha engano, esteve a concurso uma cadeira d'instrução primaria em Braga. Concorreram a ella um sr. Araújo, mesmo de Braga, e que regia interinamente a mesma cadeira, e um sr. Ramos professor de Pereira-Juzá, comarca d'Ovar.

Ficou provido temporariamente o sr. Araújo, e nós, quando vimos isto, propomos sempre a fazer justiça ao governo, suppozemos, forçando a nossa convicção pelo conhecimento que temos da muita habilidade do sr. Ramos, que as provas do sr. Araújo foram superiores.

Até qui nada de extraordinario. Veiu depois a concurso a cadeira do sr. Ramos, e elle para se livrar d'incommodos offereceu o seu exame feito em concorrência á cadeira de Braga, e ficou provido vitalicialmente!!!

Ora como o Boletim diz que «as nomeações recalem sempre nos candidatos que melhores provas publicas dão do seu merecimento», faça nos agora o obsequio de dizer, qual dos concorrentes á cadeira de Braga deu melhores provas publicas do seu merecimento? Se nos disser que foi o sr. Araújo, dir-lhe-lemos então, que o governo lhe fez uma grande injustiça, em lhe não dar a cadeira vitalicia, porque com peores provas obteve o sr. Ramos mais tarde a propriedade da sua cadeira. Se nos disser que foi o sr. Ramos, dir-lhe-lemos, que foi maior ainda a injustiça, porque merecendo elle a cadeira vitalicia, preferiram-no, para dar a cadeira a outro, que só a mereceu temporaria.—Tenha a bondade de relevar-nos mais uma impertinencia e dizer-nos onde está o escrupulo do governo nas nomeações dos professores d'instrução primaria?

Isto poderá ter uma facil explicação que a nossa curta intelligencia não possa alcançar, mas o Boletim tão sabedor das cousas do magisterio não lhe custará esclarecer-nos, e tambem áquella parte do publico, que, como nós, não tem a fina penetração de decifrar charadas.

Não vimos corroborar a doutrina expandida no artigo que o *Districto* publicou, antes achamos exaggeração no triste quadro em que o articulis-

ta apresenta as escolas do districto d'Aveiro, mas tambem não nos conformamos com o illustrado Boletim quando diz que pode affiançar o escrupulo do governo nas nomeações dos professores d'instrução primaria, quando se dão casos como o que ahí deixamos narrado, e que o Boletim muito nos obsequiaria, se obsequios merecesse uma entidade sem nome, esclarecendo-nos.

Não arguimos o governo, *senhor boletim*, arguimos a *vossa senhoria*, para fazer justiça ao governo, porque não ha governo que se desacredite pela rectidão dos seus empregados.

M.

Alguns jornaes reproduziram a proclamação que os emigrados romanos dirigiram a seus irmãos de Roma, e que tinha sido publicada pelo *Diritto*:

Proclamação

«Aos povos romanos:

«Repellidos da nossa patria pela violencia, a nossa afeição consola-nos no exilio, assim como a vossa indomavel firmeza na lucta continua contra a tyrannia, nos enche de coragem e de esperanças, e a nossa voz, que vos é sempre cara, como sabemos, nunca até hoje vos estimulou com vãs excitações. Longe de nós o pensamento de querer exercer sobre a vossa vontade a menor pressão, convencidos como estamos de que é a vós que pertence fixar a hora e escolher o meio para começar um movimento no paiz, qual quer que elle seja; queremos só, como deve ser entre irmãos, dizer-vos francamente qual é o nosso pensamento em circumstancias tão graves para Roma e para a Italia, quasi certos de que manifestando o nosso pensamento, exprimimos tambem o vosso.

«Depois de ter começado a gloriosa revolução de 1848, que não só se propagou na Italia, mas que teve um ecco em toda a Europa; depois de ser os primeiros que, com o progr. muna de 1853, traçaram o caminho, que se devia seguir para reconquistar a independencia nacional e levantando uma bandeira, envolta da qual se podiam unir todos os partidos dedicados á patria, como effectivamente se uniram em 1859; não podeis, sem vos desmentir e sem renunciar á coragem e á fecunda iniciativa, que vos pertencia como os primeiros cidadãos da Italia, não podeis já hesitar em reivindicar os direitos violados da cidade eterna.

«Romanos, é com uma sublime abnegação que nestes ultimos annos vos haveis sacrificado pela salvação da patria; e com receio de crear por meio de esforços impotentes, obstaculos á redempção nacional, tendes preferido permanecer na escravidão e contemplar (supplicio de Tantalos) o estandarte da liberdade, fluctuando longe de vós ainda, em quasi toda a Italia; mas já basta! a continuação de um semelhante sacrificio seria a perda de Roma e da Italia; não ouvis vós soar deste os Alpes até ás extremidades da Calabria essa palavra prophetica; a Roma! a Roma!

«A França defende e ha de defender o papa contra todo o ataque, que vier do estrangeiro. Ha de resistir ás exigencias do gabinete de Turin. Póde acreditar que esse é ainda o seu dever; mas não sustentará pela força a tyrannia clerical contra o povo romano, quando elle estiver verdadeiramente resolvido a repellil-a. Julgais que a França ha de bombardear de novo a cidade eterna? Enganaes-vos; desde 1849 até 1862 houve a batalha de Solferino. Julgais que a França tenha vindo levantar sua irmã opprimida pelas cadeias para querer hoje feril-a no coração? Bombardear Roma em 1862! mas toda a gloria de um novo periodo de grandes batalhas não lavaria de semelhante noção o reinado de Napoleão, essa dictadura posta ao serviço da liberdade.

«A França, em nome do catholicismo, pretendo proteger e garantir a independencia da igreja; mas não temos nós mesmo o mesmo empenho? A liberdade de consciencia não é para nós o refugio do espirito contra o dominio da força? A independencia do soberano pontifice, trazendo consigo a garantia da liberdade dos seus subordinados e de toda a communhão catholica, ha de ser assegurada e sancionada quando fór reconhecida pelo pacto fundamental da nação, que se forme em Roma na presença de todas as potencias.

«As declarações dos bispos, que tendem a enfundar Roma á igreja catholica, devem os romanos responder com factos. A Russia proclama a emancipação dos servos, e a igreja catholica declara que os cidadãos da mais nobre cidade do mundo são os párias da terra.

«Não vos insurgireis contra os francezes; mas deveis levantar-vos em massa contra os esbirros assoladados pelos padres. Fiquem os francezes, se esse é o seu desejo, são nossos amigos; e se permanecerem connosco, seria para combater o despotismo da velha Europa; a França sem os Bourbons, representa e ha de representar sempre a revolução.

«Evitae a todo o custo uma collisão com o exercito francez; se não podeis subir ao capitulo, retirae para o Avenlino. Se julgais que é imprudente atacar, organisaie a resistencia.

«Martyres, deixae-vos repellir pela metralha franceza, mas lançae-vos sobre a soldadesca papal com a raiva, que vos tem creado no coração treze annos de suplicio e de vergonha.

«Que o governo de Turin põe tudo em pratica para alancanar Roma, é incontestavel; é para elle uma condição «sine qua non», de existencia; mas esses meios estão definidos e limitados; o governo não póde dar a mão á revolução; é aliado da França, e não póde ir a Roma senão de accordo com ella; não póde perseguir senão com a condição de nada perder e de nada arriscar.

«Roma e as generosas provincias, que par-

tilham da sua infeliz sorte, têm á sua disposição recursos diferentes dos que possui o gabinete de Turin. Roma não tem compromissos internacionaes; a infeliz cidade, collocada fóra da lei do direito commum, nada tem que arriscar, porque perdeu tudo.

«Emfim, recordae-vos, irmãos, que Roma deve a si mesmo e deve á Italia sancionar e coar a revolução italiana por um movimento da sua propria população. As revoluções não têm exitos duraveis se não são o resultado da espontaneidade e de um sacrificio.

«A Roma obtida pelo governo de Turin ou conquistada por um punhado de heroes não é a Roma de que a Italia carece.

«A Roma que a Italia reclama, é a grande cidade que por si mesma fórma a sua coroa de soberano, a cidade dos papas, dos imperadores, da republica, onde toda a nação quer viver, e onde estão reunidas todas as esperanças dos seus destinos patrios. Eis, irmãos, qual é o nosso pensamento; dizemo-lo, cheios de confiança nas vossas varonis virtudes; dizemo-lo, desejosos de correr ao vosso primeiro chamamento.»

PARTE OFFICIAL

Ministerio das Obras Publicas

Attendendo ao que me representou o cavalleiro Luiz Auer de Welsbach, subdito austriaco residente em Vienna d'Austria, conselheiro aulico, director da imprensa imperial e socio da academia das sciencias do imperio austriaco, pedindo privilegio de invenção por cinco annos, pela «descoberta de uma nova materia textil (a folha de milho) capaz de dar fio e pela maneira de a tornar applicavel á fição, tecelagem e fabrico de papel»;

Visto o decreto com força de lei 31 de dezembro de 1852;

Considerando que o requerente satisfez todas as suas prescripções legais:

Hei por bem conceder ao dito Luiz Auer de Welsbach a patente de invenção para o fim acima indicado, e pelo tempo de cinco annos, durante os quaes os seus direitos de propriedade da dita descoberta ficam sob guarda e defenza da lei, sendo a patente concedida sem exame previo e sem guarda de realidade, prioridade ou merecimento do objecto a que diz respeito; pelo que, ficam salvos os direitos de terceiro e o requerente sujeito ás obrigações e clausulas contidas no supracitado decreto, e ao previo pagamento dos direitos, que dever, passando-se-lhe diploma pelo ministerio das obras publicas, commercio e industria.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros e interino nos das obras publicas, commercio e industria, assim o tenha entendido e faça execução. Paço, em 13 de agosto de 1862.—REI.—*Narquez de Loulé.*

EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem copiamos os seguintes telegrammas:

Turin 23.—A «Gazeta Official» publica: 1.º um real decreto nomeando Cialdini commissario extraordinario na Sicilia, em substituições de Cugia. 2.º a declaração pelo ministerio de negocios estrangeiros, do bloqueio dos portos da Sicilia. N'elle se observarão os principios de deito maritimo estabelecidos no congresso de Pariz 3.º um decreto em que se dissolve a associação einancipadora de Genova e suas filiações.

As columnas de Ricotti e Mella estão reunidas em Misterbianco.

Acircle está occupada.

Diz-se em Catania, Garibaldi se apodeou dos fundos publicos e do telegrapho, e que impoz contribuições e proibiu toda a comunicação exterior, levantando barricadas na cidade; mas os voluntarios estão mal armados e a maioria da população é favoravel ao governo.

Caltazineta e as mais localidades abandonadas por Garibaldi, voltaram á ordem.

O «Diritto» publica uma proclamação de Garibaldi chamando os hungaros á insurreição.

A «Italia» dá a resposta de Klapka a esta proclamação.

«A vossa voz isolada não póde ser ouvida, porque não é voz da Italia, mas de um homem que trabalha por destruir a sua gloria, e por comprometter o seu nome nos azares de uma guerra civil. O exemplo dos servos, dos gregos, e dos montenegrinos, diz-nos que esperemos um momento mais propicio. Cessai de trabalhar em favor da Austria e da reacção européa intentando anticipar demasiado a emancipação da Italia. A Hungria aconselhar-se-ha com a sua propria consciencia.»

Pariz 24.—Um despacho de Turin diz que o rei Victor Manoel tenciona tomar o commando do exercito do Meiodia.

Messina 25.—A «Discussão» diz que Garibaldi abandonou Catania e que embarcou n'um navio inglez com alguns officiaes. Cré-se que tenha desembarcado na Calabria.

Napoles 25.—Assegura-se que Garibaldi desembarcou de noite em Melito, perto do cabo de Spartivente na Calabria.

Constantinopla 24.—Um despacho recebido pelo governo ottomano diz que, apesar da acceitação pura e simples pelo principe do Montenegro das condições, que estipulavam a troca de prisioneiros, os montenegrinos tinham enfocado 100 turcos.

Varsovia 24.—Rjouka, auctor da primeira tentativa de assassinato contra o marquez Wielopolski, foi julgado e condemnado a ser enforcado.

do. O julgamento foi submettido á sancção do grã-duque.

Corre o boato de que Ryll, author da segunda tentativa, morreu na prisão.

Milão 24.—A legião hungara reorganisa-se na Alexandria, sob a direcção do general Turr. Só 200 de seus membros deixaram o serviço. Os outros renovaram o seu contracto por um anno.

Ragusa. 24. Todos os dias ha escaramuças entre os turcos e os montanhezes.

A conspiração contra a vida do principe tinha sido formada por trez individuos. O primeiro, Radonich, que atirou ao principe, refugiou-se em Albina, o segundo foi assassinado, o terceiro, Breichini fugiu para Cattaro.

Turin 24.—O general Ricotti occupa com a sua columna Aci-Reale.

O general Mella está em Misterbianco.

Segundo a «Discussão», as communicações entre Messina e Catania ficaram hoje restabelecidas.

Marselha 25.—O governo italiano fretou em Marselha seis vapores para o transporte das tropas á Sicilia.

Vienna 25 — Os juriconsultos allemães, na sua reunião de hoje, adoptaram uma proposição, pela qual os juizes não devem dar valor ás leis, que não estejam sancionadas pelos corpos legislativos.

Ragusa 24 — Diariamente ha escaramuças entre turcos e montenegrinos. O attentado contra a vida do principe foi executado por Radonich, que atirou sobre elle e se refugiou em Albrisa; por outro, que foi destronado, e por Braichiani que fugiu para Cattaro. O principe não foi ferido de nenhuma vez.

Turin 25 — É falsa a noticia espalhada em Pariz de que Victor Manuel devia partir para Napoles com Ratazzi e Durando.

A guarda nacional de Catania não cedeu aos voluntarios a guarda das prisões. Pela sua parte, o procurador do rei negou-se a obedecer ás ordens de Garibaldi.

Pariz 26 — Por causa da situação da Italia, o governo da Austria chamou ás armas 40.000 que estão actualmente com licença.

Assevera-se que as córtes de Vienna e de Madrid conultaram o governo francez sobre a politica em Roma, afim de em caso necessario acudirem á defeza do territorio pontificio.

Annuncia-se a proxima vinda a Pariz do general Klapka.

O bloqueio das costas sicilianas já foi annuciado oficialmente.

Turin, 26. — Garibaldi continua em Melito. Saiu de Catania em dois vapores da administração de correios. Hontem as autoridades reaes voltaram a Catania, onde prenderam 800 voluntarios. O ministro da marinha chegou a Catania e ahí mandou prender os capitães das duas fragatas surtas no porto, pelo seu duvidoso proceder á saída de Garibaldi. O general La Marmora publicou uma proclamação propria das circumstancias. Proclamou-se em Napoles o estado de sitio; a cidade está tranquilla. Garibaldi desembarcou em Melito com 1.000 voluntarios, no paquete correio geral Abbatucci.

Ricotti entrou em Catania e desarmou todos os garibaldinos da cidade. Os generaes Cialdini, Revel, Roy e Pinelli chegaram a Napoles. Cialdini e Pinelli tornaram a sair para Messina. Rivel dirigiu-se para Reggio.

Napoles, 26. — Cialdini partiu para a Sicilia, depois de se ter posto de accordo com La Marmora, sobre as providencias, que se hão de adoptar.

Marselha, 26. — Os periodicos de Napoles dizem que o coronel inglez Duun commanda uma columna garibaldina na Sicilia. O «Stendardo», periodico clerical de Genova, noticiou que os agitadores tinham saído desta cidade para Roma com passaportes inglezes. «A Correspondencia» declara que o governo pontificio tinha recebido as mesmas informações.

Ragusa, 26. — No dia 23 um corpo de 1.000 homens, composto de insurgentes da Herzegovina e de montenegrinos, atacou Ahmed na garganta de Douga; mas foram derrotados depois de um sanguinolento combate.

Hontem perto de Zabljak e Rjeka travou se uma lucta mui renhida entre turcos e montenegrinos.

Varsovia, 26. — O grã duque sancionou a sentença dos dois individuos que attentaram contra a vida de Wielopolski e foram executados hoje ás 9 horas da manhã.

Tolon, 27. — A esquadra de evolução saiu hontem de Ajaccio. Ignora-se o seu destino.

Vienna, 27. — As conferencias de Constantinopla tem sido suspensas, porque a Porta queria que de antemão os servios suspendessem os seus armamentos e desfizessem as barricadas de Belgrado. Ante a negativa a Porta retirou as suas concessões.

Pariz, 27. — Os despachos da Sicilia annunciam que apesar do bloqueio, os voluntarios conseguem passar o estreito e encorporar-se a Garibaldi na Peninsula, onde muitas cidades se pronunciam a seu favor.

Idem, 28. — O «Monitor» de hoje noticia que a esquadra franceza já se acha na bahia de Napoles.

Turin, 27. — A «Gazeta Official» diz que Garibaldi se dirige para Reggio.

Napoles, 27. — Houve dois encontros entre as tropas e os voluntarios garibaldinos. Destes ultimos ficaram prisioneiros quarenta e dois, e o numero dos feridos tambem é grande. Dos soldados das tropas reaes foram feridos trez.

Foram presos os deputados Fabrizzi e Mordini, que se achavam nesta cidade.

Frustrou-se uma manifestação garibaldina projectada em Messina.

Cialdini tomará o commando das Calábrias. Constantinopla, 25. — Apesar de serem aceitas pelo príncipe do Montenegro as condições propostas por Omer-Pachá, entre as quaes se conta a troca de prisioneiros, os montenegrinos enforcaram 100 homens.

Nova-York, 16. — Mac-Clellan começou um movimento de retirada. Renderam-se tres mil federaes que se achavam perto do Tenasseo. O general Beaugerard ameaça Butler com 70,000 homens.

Pariz, 28. — (pela tarde) — A «Presse» annuncia que correm boatos de uma insurreição nas Calábrias.

O povo periodico a «França» diz que a esquadra ingleza tinha recebido ordem de ir para a bahia de Napolés, e que os commandantes das fragatas italianas, para se justificarem allegam que as tripulações se negaram a deter o navio em que ia Garibaldi.

O general Petit, ministro da guerra da Italia, dirigiu ao exercito a seguinte proclamação. «Soldados! Alguns mal aconselhados tentam comprometter os destinos da Italia.

«El-Rei já fallou á nação, e a palavra real aconselha-vos o caminho que tendes a seguir.

«E haveis de segui-lo.
«Com a vossa attitudé, com a vossa firmeza, evitaredes a maior das calamidades, a guerra civil.

«E se á voz do soberano não se tranquillizam os culpados, por mais sensivel que vos possa ser, cumpriredes o vosso dever.

«Soldados! Em uma empreza insensata invoca-se uma solidariedade convosco, que regeito em vosso nome.

«Declarou em vosso nome que as vossas gloriosas tradições, que a vossa bandeira, que em cem batalhas tem tremulado gloriosa, não ha de ser manchiada.

«Soldados! El rei e a nação contam convosco.

«As vossas antigas e ás vossas recentes glorias deveis associar outra nova; a de manter o respeito ás leis, e a integridade dos direitos da côroa.»

Garibaldi escreveu á sociedade emancipadora de Cozenza a seguinte carta:

«Amigos!
«Tenho confiança em vós, bravos calabrezes; sois conhecidos no mundo pelo vosso amor á liberdade, conhecidos particularmente por mim, que vos tenho visto reunir em grande numero para combater o velho despotismo bourbonico; eu mesmo vi as provas do vosso valor.

«Tenho confiança em vós, e estou certo que quando, em nome da Italia, vos pedir novos esforços e novos sacrificios, respondereis ao meu chamamento, como sempre tendes respondido a quem vos chama em nome da Italia e da liberdade.

«Eu vos saúdo.
«Campo de Rocca Palumbo, 3 de agosto.
José Garibaldi.»

Do «Siècle» traduzimos a seguinte correspondencia de Roma:

«Chego a Roma depois da ausencia de alguns mezes; não encontrei a cidade pacifica de outro tempo; acho-me no meio de um campo, de uma cidade em estado de sitio. Estou assombrado dos discursos que aqui se pronunciam publicamente na praça, nos theatros e nos cafés. Se a policia romana quizesse restabelecer a ordem, teria de prender dois terços dos romanos, especialmente as mulheres.

«Esta manhã via-se nas esquinas um pasquim, de que a policia lançou mão, porque continha uma proclamação. Este documento sedicioso encontra-se hoje em toda a parte; o correio romano distribuiu, sem saber, mais de dois mil aos principaes negociantes e habitantes de Roma; tinham imaginado incluí-la em um annuncio de gaz liquido!

«Esta manhã, no caminho de Condotti, na occasião em que eu voltava do Corse, lançaram duzentos ou trezentos de uma janella de um quarto andar. Um homem do povo guardou aquelle embrulho, e depois distribuiu innocentemente uma proclamação.

A uma interpellação na camara respondeu o presidente Ratazzi o seguinte:

«A situação da Sicilia é grave, mas espero que as difficuldades actuaes hão de ser vencidas.

As nossas instituições serão garantidas pelo valor do nosso exercito. Quanto aos detalhes pedidos, não temos informações de Messina, por isso que estão interrompidas as communicações entre Catania e as outras cidades da Sicilia. O general Mella, julgando que Garibaldi tinha projecto de se dirigir a Messina, tomou disposição para impedir a sua entrada naquella cidade. Garibaldi aproveitando-se então da distancia que o separava de Ricotti, cujas tropas estavam a dois dias de marcha, dirigiu-se rapidamente sobre Catania. Ignoramos o que aconteceu depois.

O ministerio tomou as medidas convenientes, e para Catania foram mandadas tropas. A esquadra italiana está de vella, e ha de oppor-se ao embarque e ao desembarque dos voluntarios. Espero que em poucos dias a Sicilia entrará no seu estado normal.

A «Perseverança», de Milão, publica os seguintes apontamentos biographicos acerca do

general Cugia, que, na Sicilia está investido dos poderes extraordinarios em presença da actual situação:

«O general Cugia, que se tornou notavel em 1848 na batalha de Goito, ganhou mais fama em 1859, pelos seus serviços como coronel do estado-maior, e pelos que prestou logo depois como brigadeiro na batalha de Castelfidardo. Também prestou serviços, não menos uteis, dirigindo o ministerio da guerra durante o governo presidido pelo barão Ricasoli.

«Natural da Sardenha, representou o seu districto no parlamento sardo, e depois no italiano, do qual ainda faz parte, distinguindo-se ali pela elegancia da sua palavra e pelo conhecimento, não muito vulgar, que tem dos negocios.

«Todas estas qualidades, juntas á nobreza de maneiras e ao seu caracter moderado e conciliador, tornam-o bastante apto para a delicada missão que vae desempenhar.»

VARIEDADES

Fenomeno, excentricidades, o burro intelligente. — Debaixo deste titulo encontramos no jornal «Pic Nic» o seguinte:

«Lord Wyld possui no seu condado de Mydlex uma das mais preciosas collecções de animaes. Entre os notaves habitantes da selecta ménagerie, distinguia-se, ha cincoenta e tantos annos, uma formosa macaca, que pela sua grandeza e instinto se tornára notavel e superior aos outros irracionaes.

Lord Wyld tinha em muita conta e dava-lhe a primazia pelos dotes, cuja excepcionalidade os seus amigos amigos não se cansavam de elogiar.

A raça asinina achava-se brilhantemente representada n'um corpolento e alentado burro hespanhol, astuto e sagaz, intelligente, e de côr preta. Tinha sido dado generosamente a lord por um tal D. Benito Mata Mouros, rico proprietario da provincia de Andaluzia.

A colonia dos quadrupedes, pertencente ao soberbo lord, vivia n'um va-to circunscripto murado, onde, a par de todas as commodidades imaginaveis, se distinguia o luxo e a elegancia que os inglezes abastados costumam espalhar nos seus domínios feudaes.

A' força de se verem, de se entenderem, o de se communicarem, foram apparecendo entre os animaes certas inclinações e tendencias mais ou menos pronunciadas, e proprias da sua especie. Mas nesta côrte hybrida as ligações do burro e da macaca tomaram as proporções de uma verdadeira paixão.

Proveio de tão inesperado consorcio o nascimento de um animalzinho, participando das qualidades do pae, e das agilidades e surrateirices da mãe.

Ao principio, quasi todas as suas inclinações, gostos eram, como que exclusivas, da raça dos orang-otangos.

Este animalzinho sustentava-se nos pés com as patas no ar; subia pelas arvores, e saltava de umas para outras. Os fructos mais saborosos eram o que elle escolhia; e preferia a todos elles o côco e a banana. A sua sagacidade e intelligencia tornaram-se prodigiosas.

Era de balde que lord Wyld se esforçava para sujeital-o a uma vida mais tranquilla e menos caprichosa. Os gostos e as inclinações, as habilidades e brinqueos do interessante animal derivavam do sangue que lhe girava nas veias de sua mãe.

Assim se passou uma grande parte da vida de tão notavel creatura, até que ao aproximar-se da idade conhecida, as suas condições mudaram completamente. Da mãe não conservava senão a giria.

Já não eram os saltos, as cabriolas, as subidas, e as suspensões aereas, e o gosto pelos fructos, cujo sabor n'outro tempo o embriagava, que tornava excepcionalissima a existencia do hybrido animal. Tudo perdeu quanto principalmente havia trazido da origem materica, excepto a vivacidade propria de uma similhante especie.

Burro em tudo, menos no instinto e na memoria, nem por isso as suas habilidades deixavam de causar verdadeira admiração, e até espanto. Intendia tudo, comprehendia tudo, e chegava a articular sons que pareciam palavras.

Lord Wyld, como é de crer, apreciava o notavel quadrupede tanto, ou mais do que se elle fosse da especie racional. Occasiões havia em que os carinhos que lhe prodigalisava causavam ciúme e inveja a alguns dos seus amigos menos atilados.

O burro cresceu, engrossou, e alindou até ao cerrar da idade. Depois foi perdendo os cabellos e os dentes, e de bonito que era, tornou-se feio.

Na opinião de alguns dos amigos do nobre lord, mais difficeis de contentar, chegava a ser horrendo! Mas a sua intelligencia, e muito principalmente a memoria eram, cada vez mais, admiraveis.

Lord Wyld tinha conseguido fazer delle o seu mais agradável entretenimento. Deixava-o passear nos seus ricos salões, aproximava-o de si nas horas do jantar, e mais de uma vez se viam os criados da casa servir-lhe o chá e doce, como a qualquer das suas visitas mais predilectas. Era na verdade seu verdadeiro amigo.

O que é para fazer pasmar, acima de tudo, e a idade do irracional favorito de lord Wyld. Ha poucos annos via-se ainda mui lesto correr pelo serranios contiguos aos terrenos em que a ménagerie estava situada, em busca de pastagem

ao seu sabor, e subia com facilidade as escadas que conduzião aos magnificos salões do milord.»

NOTICIARIO

Balanço do movimento da Caixa Economica d'Aveiro no mez de agosto.

ENTRADAS	
Depositos recebidos	127\$870
Letras idem	2:362\$290
Juros idem	104\$040
Saldo do mez antecedente	3:689\$465
	6:283\$665

SAHIDAS	
Empréstimos	1:930\$100
Depositos restituídos	43\$835
Juros pagos	355
Saldo em caixa	4:309\$375
	6:283\$665

Valor dos depositos a cargo da caixa em 31 de agosto	18:691\$165
Idem em letras a vencer na mesma data	15:356\$650

Escritorio da caixa economica 3 de setembro de 1862.

A. PINHEIRO
Secretario.

Companhia Dramatica Lisbonense. — No dia 2 do corrente partiu desta cidade para a Figueira a Companhia Dramatica Lisbonense, de que são directores os srs. Macedo e Mendes Leal (Antonio).

Esta companhia, uma das melhores que aqui temos gosado, deixou bastantes saudades a todos os que tiveram o prazer de a ver representar, e com especialidade aos amantes do *cancon*, desempenhado com toda a gentileza pela actriz D. Florida.

Desejamos á companhia um futuro de coróas viçosas e de... interesses.

Até que morreu! — O pobre homem, que ha pouco noticiámos tinha sido ferido a golpes de engajo em uma praia pouco distante d'aqui, sendo recolhido ao hospital da misericordia d'esta cidade, ali falleceu no 1.º do corrente.

Dizem que o assassino é um sujeito de Esqueira.

Pedimos á auctoridade competente que não deixe impune similhante malvado, applicando-se-lhe um castigo exemplar para se não repetirem estas scenas proprias dos mais assevajados habitantes de Africa.

Destacamento. — Chegou aqui antehontam, um destacamento de caçadores n.º 1, que veio render o de infantaria 18.

Etherisação das abelhas. — Começase a fallar n'um novo systema para substituir a cresta das colmeias, em que se tem por fim abafar as abelhas para colher o mel. O processo é pela etherisação.

Para isso não ha mais do que pegar n'um frasco de ether sulphurico, e pol-o em communicação por meio d'um tubo com o cortijo depois de tapadas todas as suas aberturas. Soprando sobre o frasco, o ether começa a fazer o seu effeito nas abelhas, que primeiro zumbem muito, e depois ficam em completo silencio.

Pode-se então colher o mel, porque as abelhas estão no chão como inanimadas, e pôde-se até tomal-as na mão sem receio do ferrão. Passado algum tempo, depois que se limpou o cortijo, os effeitos do ether desapareceram, e as abelhas continuaram sua tarefa.

No Aleuntejo começaram alguns ensaios n'este sentido, mas ainda se não sabe o resultado.

A providencia. — Os jornaes americanos dão noticia d'um horrivel crime, commettido em Talagante, da jurisdicção de S. Bernardo.

Um individuo dos muitos que para negocios commerciaes viajam entre Santiago e Valparaiso, ia a cavallo, levando uma sacca com 3:000 pesos. No caminho observou que vinham atraz d'elle, a curta distancia, dois homens a cavallo, e tomado do receio não quiz continuar a marcha, preferindo ir alojar-se em Talagante, em casa de um seu compadre, que o hospedou no quarto de um dos filhos que costumava recolher-se a deshoras da noite, e para não se saber quando entrava, introduzia-se pela janella.

Havia pouco que o hospede se tinha deitado, quando sentiu que de fóra tentava alguém entrar no quarto. Imaginou que iam assaltal-o e só teve tempo para se esconder debaixo da cama. Entrou pela janella o moço extravagante filho do dono da casa, e deitando-se adormeceu logo.

Permanecia ainda o hospede debaixo da cama, transido de terror, quando dois homens abrindo a porta de manso, aproximaram-se da cama e apunhalaram e degolaram a pessoa, que dormia. Em seguida envolveram o cadaver na roupa da cama e sahiram com elle para o lanjar em sitio afastado.

Os assassinos eram o compadre do hospede e um filho, isto é, o pai e o irmão da victima!

Apenas o viajante se viu só, destrancou a janella, sahio, e saltando paredes e vallados chegou a casa do subdelegado do logar a quem contou o acontecido. Os dois criminosos foram presos.

Horrivel cheia! — Uma carta de Mazamet, dirigida ao «Journal de Toulouse», annuncia uma catastrophe que acaba de abysmar aquella cidade na desolação e no espanto.

Na noite de 14 para 15 do corrente, por volta das 2 horas da madrugada, rebentou um

violentissimo temporal, e a chuva cahiu em torrentes.

O rio Arnette cresceu subitamente d'um modo extraordinario; n'um instante elevou-se a uma altura de mais de dez metros acima do seu leito, arrastando na corrente enormes troncos d'arvores, pranchas, barrotes, moveis, gados, etc.

A violencia das aguas era tal, que arrastava comigo tudo que encontrava na sua passagem devastando o que não podia destruir. Cinco cazas, e diversas pontes foram levadas, os caminhos ficaram arruinados; o que partindo da estrada de Carcassone servia de communicação ás diversas fabricas estabelecidas nas margens do Arnette, está quasi inteiramente destruido.

As vinte e cinco ou trinta fiações, que alimentam os fabricantes de Mazamet, foram todas condemnadas á inação, tantas são as avarias, que soffreram: tudo perdeu immenso.

Na rua da Galiné, os edificios que serviam foram arrastados pela torrente. O desgraçado contra-mestre deste estabelecimento, sua mulher e quatro filhos desapareceram: suppõe-se que pereceram afogados. Um individuo de cerca de 24 annos de idade, que viera á rua do Galiné foi levado na corrente, e não o poderam arrancar dos braços da morte.

A cheia do Arnette foi tão extraordinaria que certas ruas de Mazamet, mudadas em correntes, viram-se o nivel das aguas subir a mais d'um metro, e penetrar nos seus armazens. As perdas são consideraveis.

O assassino poltico. — A cerca do individuo que tentou assassinar o marquez Wielopolski, governador civil de Varsovia, dá a folha official a seguinte noticia:

Luiz Ryll, author do attentado é um aprendiz typographo, nascido em 1842 em Biuzni, de Radow. Vivia em casa de um sapateiro que era seu amigo e que o socorria desde algum tempo que elle não tinha trabalho. Esteve anteriormente em casa de um proprietario, que o despediu por causa de mau comportamento. Ha seis mezes tinha entrado como aprendiz para casa de um typographo donde sahio por doença, indo curar-se para o hospital de S. Lazaro.

No seu quarto não appareceram nem roupa branca, nem vestidos nem moveis. Trazia em si quanto possuia e dormia sobre um sofá velho o roto do sapateiro Staniszewski.

Antiguidade da guilhotina. — Um certo numero de antigas gravuras, vendidas ultimamente em Pariz, fornecem curiosas revelações sobre a antiguidade da guilhotina.

Uma gravura de Henrique Aldegréver, nascido em 1502 representa Titus Maulius mandando cortar a cabeça a seu filho.

No alto e á direita tem as seguintes palavras: «Titus Maulius filium sine ejus jussu cum hoste pugnaute obruncavit».

No meio da parte inferior tem um ornato com a era 1553.

A machina do supplicio é muito semelhante á moderna guilhotina. Maulius mostra a barbara coragem de apertar com força a cabeça de seu filho no cepo. A infeliz victima da disciplina militar está de joelhos, com as mãos amarradas atraz das costas. A' esquerda do espectador está o carrasco em pé, prompto a largar a corda que segura o cutelo suspenso sobre o pescoço da victima.

Uma outra gravura de Lucas Sunder, chamado Cranach, nascido em Cranach em 1470, reproduz uma decapação nas mesmas circunstancias.

A machina está collocada no chão, em quanto que a guilhotina moderna é posta sobre um estrado para dar ao triste espectáculo da decapitação dos condemnados maior solemnidade.

Outras gravuras de Mérian e Jacques Calot representam execuções capitães, em que a machina de decapitar tem muita analogia com a guilhotina.

Uma gravura de Julio Bonasone de 1555 reproduz a figura de uma machina de decapitar.

O apparelho está levantando sobre um cadafalso, a que se sobe por uma escada.

O cutelo quadrado está collocado entre dois paus presos no alto por uma travessa.

O carrasco está em pé, prompto a largar da mão esquerda a lamina mortifera.

Escortado por soldados com antigo uniforme, o padecente chega ao pé do cadafalso.

Parece que na idade média este instrumento de morte era reservado para os gentis-homens e ecclesiasticos.

As execuções faziam-se no pátio da prisão a portas fechadas e em presença de um pequeno numero de testemunhas.

Pessimo divertimento. — Na noite de 14 deu-se no theatre de Highbury Born e-u Londres uma desgraça que entristeceu o espectáculo.

Celina Young, denominada Blondin femêa, fazia a sua principal sorte, que consistia em percorrer no meio um fogo de artificio uma corda estendida a cem pés de altura. Depois de ter feito o tracto de ida e volta, percorreu pela terceira vez a corda com a cabeça dentro de um sacco; e estava no seu ultimo exercicio, que consistia em atravessar de novo a corda com uma marumba, cujas extrimidades lançavam fogo de artificio. Tinha andado uns 20 pés do lado oeste da scena, quando se viu que a maromba oscillava de um modo assustador. A acrobata tentou por um momento segurar-se á corda com os pés ou com as mãos, porém um momento depois cahiu de cabeça para baixo do sitio mais alto da corda. O seu corpo que foi logo levantado era uma massa inerte. Os medicos verificaram fracturas graves, que punham em perigo a vida da infeliz artista.

Noticias da Italia — O *Commercio do Porto*, recebido hoje, publica o seguinte telegramma á ultima hora:

LISBOA 4, A'S 9 HORAS E 40 MINUTOS DA MANHA.

Nem hontem nem hoje tem vindo telegrammas estrangeiros. Para ia satisfazendo aos desejos de noticias de Italia, damos as ultimas recebidas pelo correio de terra.

Um dos ferimentos de Garibaldi é grave. Foi tambem ferido Menotti, seu filho politico.

Uma fragata italiana recebeu ordem de conduzir Garibaldi a Spezzia.

Foi levantado o bloqueio das costas da Sicilia.

Diz o *Moniteur* de 31, — que a insurreição que podia comprometter os destinos da Italia, terminára.

Os turcos tomaram Cettigna. O principe Nicolau Merki, depois de haver posto fogo á cidade, refugiu-se no territorio austriaco.

Livro interessante. — Diz a «Revolução de Setembro» que o sr. Mathews de Magalhães, mancebo de notáveis dotes de espirito já provados por alguns ensaios litterarios de incontestavel merecimento, está traduzindo o interessante livro do Amadeo de Bast intitulado — *Merveilles du genio de l'homme*, que é a historia analytica e descriptiva de todas as descobertas, inventos e estudos humanos, ou seja uma breve encyclopedia philosophica dos mais importantes trabalhos das artes e sciencias.

A traducção deste livro é um alto serviço aos que estudam. Folgamos de a registrar, e esperamos vel a dentro em pouco reproduzida pela arte de universalisar o pensamento a imprensa.

Boa resposta. — (Do mesmo jornal), um examinador nosso conhecido, zangado com a resposta disparatada de um examinador perguntou-lhe grosseiramente:

- Em que se emprega seu pae?
- E' bacalhoeiro, respondeu o estudante.
- Era melhor que o empregasse tambem em vender bacalhan, do que em estudar sciencia.
- E o pae de v. ex. em que se emprega?
- Interrogou a seu turno o estudante.
- Meu pae era um homem instruido e delicado.
- Era melhor, respondeu o mancebo, que v. ex. lhe seguisse o exemplo.

Telegrapho volante. — Fizem-se ultimamente no Campo de Chalon's experiencias telegraphicas muito interessantes.

Collucou-se um apparelho no quartel general, guardado por um ajudante de ordens; e uma carruagem com outro apparelho seguiu o marechal ao campo munida de fios telegraphicos que se dividiam de modo a conservar os dois apparelhos em communicação instantanea com o seu quartel general.

Assegura-se que a carruagem póde ter, sem difficuldade, os fios precisos para manter communicações a uma distancia de 30 kilometros.

CORREIO

LISBOA 3 DE SETEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Ha tres dias que todas as nossas vistas se fixam nos grandes successos, que se estão passando na Italia. A sorte de Garibaldi captiva todas as attentões. E' o grande heroe dos nossos, o vulto mais sympathico da geração actual, que soffre os maiores revezes na sua temeraria empreza. Não admira pois, que todos os verdadeiros liberais procurem a toda a hora saber novas do libertador da Italia.

O governo tem recebido telegrammas annunciando successivamente o apresionamento de Garibaldi, a instauração do processo contra o cidadão, ainda hontem coberto de loiros ganhos nas phalanges da liberdade, e finalmente o fusilamento em Milão dos officiaes desertores.

E' a lei applicada com todo o seu rigor contra o grande heroe da liberdade. O acontecimento cobre-nos o coração de luto, e faz-nos ver que a just'ca é ali applicada com igualdade para todos. Por mais sympathico, por mais prestante que seja o cidadão, a justiça vê n'elle um rebelde, e applica-lhe a lei. Será condemnado Garibaldi?

Hoje corre que se receberá hontem telegrammas de haver fallecido Garibaldi. Esta noticia espalhada em publico, sem ser inteiramente accreditada, traz os espiritos preocupados com a sorte do grande cidadão italiano. E é por isso que eu abri a minha correspondencia com este assumpto, talvez menos bem cabido n'este lugar.

— O Administrador do concelho da Lourinhã, o capitão d'artilheria, Corrêa Moraes, apresentou-se antes de hontem no ministerio do reino, solicitando ou a sua exoneração, ou força á sua disposição para poder manter a dignidade e independencia de seu cargo. E te' caso não é desistido de importancia, e pode servir de exemplo ás autoridades administrativas para casos identicos. Um administrador em quanto se conserva no exercicio do seu cargo é digno da confiança do respectivo governador civil, e do ministro do reino, por isso a sua dignidade e independencia devem ser sustentados por estas autoridades superiores. Foi o caso que o sr. capitão Corrêa Moraes prendeu um refractario, que se achava escondido e sem salario ao serviço de uns dos mais abastados proprietarios daquelle concelho. O facto irritou o proprietario, e pozem-se logo em campo os primeiros influentes da terra para darem fuga ao refractario, o que não conseguiram.

Para Torres foram logo por ordem dos mes-

mos influentes notas diplomaticas para que o administrador deste concelho demorasse ali aquelle e outro refractario tambem preso, que viviam para Lisboa. Conseguiu-se a demora por tres dias, e neste espaço de tempo, arranjaram-se as coisas para que os refractarios fossem postos em liberdade com documentos que haviam sido regeitados pelo administrador da Lourinhã. Nestas circunstancias o sr. Corrêa Moraes, intendeu, e intendeu muito bem, que não podia airoosamente continuar a exercer o seu logar administrativo, depois de desconsiderado por tal forma. Como podia elle apresentar-se na presença dos principaes influentes do concelho? E' preciso accrescentar que o sr. ministro do reino tem sido completamente alheio a semelhante negocio, e segundo me informam, está resolvido a sustentar a independencia do administrador.

— Deu-se um desagradavel acontecimento no ministerio das obras publicas entre o sr. visconde da Luz, e o sr. Moreira, tenente de engenheiros, e director das obras publicas no districto de Braga. A meu ver a razão está da parte do sr. tenente Moreira.

O sr. visconde da Luz, na qualidade de director geral das obras publicas exigira do sr. Moreira um projecto para construcção de uns certos lanços de estrada no districto de Braga, e como este empregado se demorou em remetel-os, o sr. visconde enviou-lhe um telegramma, estranhando asperamente a demora na remessa; a este telegramma intendeu o sr. Moreira que devia responder logo igualmente pelo telegrapho, dizendo que não queria continuar a servir debaixo das ordens de um chefe que menosprezava os seus trabalhos, e não acreditava no seu zelo. O engenheiro foi mandado apresentar no ministerio da guerra, e na ordem do exercito n.º 23 appareceu uma ordem para o commandante do corpo de engenheiros reprehender severamente o sr. tenente Moreira, pelo acto de indisciplina praticado para com o marechal visconde da Luz.

Ora o corpo de engenheiros ao serviço do ministerio das obras publicas tem uma organização civil, e o seu regulamento estabelece que o official de engenheiros só póderá ser reprehendido na ordem regimental, ou processado em conselho de guerra conforme a gravidade de suas culpas, mas nunca na ordem do exercito, como injustamente se fez.

E' claro que o tenente de engenheiros por estar ao serviço do ministerio das obras publicas não perde a sua qualidade de militar, e como tal não póde faltar ao respeito devido ás superiores autoridades militares; porem o citado regulamento não serve senão para o corpo de engenheiros assim formado de militares, e portanto o que o regulamento não dispõe é illegal.

O sr. Moreira requerer conselho de guerra. — Tambem o sr. general barão da Batalha requereu conselho de guerra para o caso que motivou a sua exoneração do logar de governador da praça d'Abrantes, caso que eu já tive occasião de noticiar.

No conselho formado na torre de S. Julião, não se achou criminalidade no procedimento do sr. barão, porem se o sr. ministro da guerra não se der por satisfeito com a resolução deste conselho, o sr. barão responderá effectivamente em conselho de guerra.

— Está nomeado official mór da casa real o sr. conde de Rio Maior.

— Já se achia completa a primeira parte da excellente obra do sr. D. Luiz da Camara Lemos, capitão do estado maior do exercito, e deputado ás cortes pela ilha da Madeira. A obra intitula-se *Elementos da Arte Militar*; é dedicada ao marechal duque de Saldanha, e vem precedida de seu magnifico juizo critico do distincto escriptor o sr. Latino Coelho. E' um livro que vem satisfazer a uma grande necessidade dos nossos officiaes. A sua doutrina é tão claramente exposta, que não ha por certo intelligencia por mais curta, que a não comprehenda.

O sr. Latino Coelho para mostrar que a sorte das campanhas não está só dependente das massas de tropa, e da coragem dos soldados, escreve os seguintes eloquentes periodos:

«Contemplemos um exercito moderno, formado em batalha. Está a ponto de empenhar a acção com o inimigo. Parece que se trata apenas de uma questão, em que a força terá de escrever a sentença final. Parece que a intelligencia fugiu do campo da batalha para deixar o imperio absoluto ao vigor do braço, e á acção exterminadora das machinas de guerra. Pois o que vos parece ser a negação do pensamento, representa os maiores esforços do entendimento humano. Vede a este lado as massas de infantaria, ora formadas em columnas, em quadrados, em escalões, ora manobrando em frente do inimigo, sem perderem a disposição regular que lhes imprimiu, por um milagre de obediencia e de disciplina, á voz de um homem que commanda, ou o toque eloquente da corneta... Quem chegou a pôr em campanha esta poderosa artilheria dos exercitos modernos? A sciencia militar.»

— Suicidou-se antes d'hontem um pobre major reformado de setenta annos de idade precipitando-se da muralha de S. Pedro d'Alcantara. Morreu no hospital de S. José tendo fracturado o crânio, os braços, e as pernas n'umas poucas de partes. O seu estado era lastimoso.

— A imprensa de Lisboa na falta de melhor assumpto continua a interter o publico com a safada questão do sr. João de Brito. Para mostrarem que a concessão da introducção dos dois mil meos de trigo feita pelo sr. Lobo d'Avila não foi caso novo, e que o sr. Casal Ribeiro fizera uma concessão mais immoral os órgãos do governó apresentaram a seguinte portaria ex-

pedida em occasião, em que era prohibido o deposito de cereaes estrangeiros.

Copia. — Sua magestade El-Rei attendendo ao que requereram *Felgueiras & Baltar* ha porbem permitir, que o carregamento de trigo, que esperam receber de Hamburgo pelo navio portuguez *fortuna*, seja depositado na cidade do Porto até ao fim do corrente mez; devendo porem os supplicantes promptificar, á sua custa, os armazens necessarios para nelles se recolher o dito genero, depois de previamente approvado pela alfandega, a cuja fiscalisação ficarão sujeitos, obrigando-se ao mesmo tempo, a reexportal-o, no caso de que não seja convertida em lei a proposta que se acha affecta ás cortes para a livre admissão dos cereaes estrangeiros. O que se comunica ao director interino da alfandega do Porto para sua intelligencia e devidos effectos. Paço em 22 de Fevereiro de 1860.

Nenhuma destas concessões comprehette a honra de qualquer dos ministros, a verdade porem é que ambas são illegas. Ninguém mais do que eu, prestei consideração e respeito á intelligencia, probidade e zelo pelo serviço que adornam o caracter do sr. Lobo d'Avila; para com este illustre ministro tenho além da sympathia pelo homem publico, a simpatia pelo homem particular, mas devo dizer o que sinto em minha consciencia.

— A questão das sedas encommeudadas pela camara municipal de Lisboa para o pavilhão real, vae ser novamente tratada pela imprensa, por motivo da sessão da camara de quinta-feira, na qual o sr. presidente contou a historia de um modo pouco favoravel para os fabricantes nacionaes.

O presidente fallou da largura, e do preço da seda encommeudada; porem não disse qual o seu nome, depois de tar dito que a camara encommeudara *foulard* a 18000 rs. o metro. E' fóra de duvida que a fazenda é *foulard*, e tambem é certo que a Associação do trabalho para os fabricantes de seda annunciaram *foulard* portuguez a 600 réis o metro.

No dia 10 saie para a Italia o primeiro navio dos que hão de formar a esquadrilla, que ha de acompanhar a Lisboa a nossa futura rainha.

MOVIMENTO
DA BARRA
Aveiro 3 de setembro
Entradas
VILLA DO CONDE, Hiate port. Commerciantes, m. A. S. Leite, 7 pes. de trip. vazio.
Em 4
CAMINHA, Hiate port. Gavinho L., m. B. L. Gahinho, 6 pes. de trip. lastro.

ANNUNCIOS

EDITAES

Manoel Gonçalves de Figueiredo, commissario dos estudos e reitor do lyceu nacional de Aveiro.

Faço saber, que devendo eu fazer subir ao ministerio do reino até ao fim de setembro de cada anno um relatório geral estatistico acerca do liceu desta cidade e escolas de instrucção primaria e secundaria d'este districto; e não o podendo fazer sem que os professores de ensino secundario e primario me enviem os seus relatorios parciaes e mapps formulados segundo os modelos para isso impressos — convidado todos os professores, publicos e particulares, a que me remetam imprerivelmente até 15 d'este mez os mencionados relatorios e mapps.

Aveiro 3 de setembro de 1862.

Manoel Gonçalves de Figueiredo.

Manoel Gonçalves de Figueiredo, commissario dos estudos e reitor do lyceu nacional de Aveiro.

Faço saber que até o dia 25 do corrente, inclusivamente, se recebem os requerimentos para matriculas do futuro anno lectivo, na caixa da porta da secretaria que no dia 26 se dão as respectivas guias, desde as 9 horas até á uma; e que a matricula ha de ter logar nos dias immediatos á mesma hora: que todos os requerimentos devem ser devidamente documentados, sem o que não terão despacho; e finalmente que as aulas se hão de abrir no 1.º do mez seguinte pela mesma ordem, e ás mesmas horas dos annos antecedentes.

Secretaria do lyceu nacional d'Aveiro 3 de setembro de 1862.

Manoel Gonçalves de Figueiredo.

BANCO UNIÃO
Desconta letras de cambio e da terra, ou quaesquer titulos commerciaes á ordem, com prazo fixo de vencimento.

Negocia letras de cambio ou de botomaria, e faz transferencias de fundos entre as principaes praças estrangeiras e nacionaes.

Deconta cedulas ou titulos de duvida do Estado, pagaveis a prazo certo.

Empresta dinheiro sobre penhores de ouro, prata, brilhantes, titulos de duvida pública, sobre as suas proprias vidas acções e as de outros bancos e companhias, ou estabelecimentos similhantes.

Empresta sobre penhor mercantil de generos e mercadorias não sujeitas a corrupção, depositados nas alfaudegas, em armazens ou em viagem.

Faz empréstimos a bancos, companhias ou estabelecimentos de reconhecido credito.

Compra e vende por conta propria metaes preciosos e titulos de duvida pública fundada.

Encarrega-se por conta alheia da compra de metaes, titulos de credito e liquidação ou cobranças dentro e fóra do reino.

Dá cartas de credito, por quantias determinadas, para dentro e fóra do reino.

Abre contas correntes sobre creditos ou depositos de dinheiro nos cofres do banco, abonando aos seus depositantes um juro convencionado.

Guardará em deposito, com premio convencionado ou sem elle, joias, titulos, metaes preciosos e outros similhantes valores.

Agente em Aveiro
Agostinho Duarte Pinheiro e Silva.

ARCHIVO JURIDICO

Publicação regular da legislação de mais interesse, tanto antiga como moderna.

EDITOR — J. L. DE SOUSA
Publicou-se o n.º 12 da 2.ª serie que contém:
Regulamento dos lycées; exames de habilitações, e instrucções para estes exames.

Com este numero termina o 3.º volume do ARCHIVO JURIDICO e 1.º da 2.ª serie, por isso se distribue com elle o respectivo indice e frontespicio.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram colleções completas da 1.ª e 2.ª series do ARCHIVO JURIDICO, comprehendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial: — Lei da Desamortisação; — Lei do Sello; — Lei de Transmissão; — Lei do Registo; — Lei da Contribuição Pessoal; — Lei da Contribuição Industrial; — Lei dos Morgados; — Lei da Contribuição Predial; — Lei do Recrutamento; — Lei Eleitoral; — Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes; — Lei dos Jurados; — Lei da distribuição dos processos aos escrivães, — Lei que altera a Reforma Judiciaria; — Lei que concede serventuarios aos escrivães, tabellães e revedores; — Lei e regulamento do Registo parochial.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em brochuras separadas.

N. B. Cada n.º do ARCHIVO JURIDICO custa a modica quantia de 120 reis, sendo enviado franco de porte para as provincias.

O JUDEU ERRANTE

E OS MYSTERIOS DE PARIZ

(EDIÇÃO PORTUENSE)
Tendo se exgotado a 1.ª edição destes dois popularissimos e interessantes romances, que por si só bastaram para exaltar a reputação de EUGENIO SUE, um dos vultos mais salientes na litteratura franceza; e havendo nós obtido autorisação de seus illustres traductores e publicadores para os reimprimir em 2.ª edição, — vamos tentar esta empreza — esperando encontrar no favor publico o valioso auxilio e protecção que ella carece para a sua realisação.

O formato será identico ao da BIBLIOTHECA DAS DAMAS, e cada volume não conterá menos de seis folhas d'impressão, ou 96 paginas.

A traducção é esmerada, circumstancia valiosa, e pouco vulgar em publicações d'esta ordem.

A publicação principiará pelo JUDEU ERRANTE, a qual encetaremos logo que haja numero sufficiente d'assignaturas que cubra a despesa da impressão.

Preço de cada volume 120 reis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se no Porto, no escriptorio do «Archivo Juridico» e «Bibliotheca», rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta.

QUADROS D'ALMA

OU
A MULHER ATRAVEZ DOS SECULOS

POR
Porphyrio José Pereira

Um volume em 8.º grande, br. com o retrato do auctor. — Aha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

RESPONSAVEL: — M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.